

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LETRAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO

CURSO DE LÍNGUA E LITERATURA JAPONESA

CAMILA REGINA FERRACIOLI PIMENTEL

ASPECTO VERBAL: UMA PROPOSTA DE ESTUDO PARA A COMPREENSÃO DO  
COMPORTAMENTO DOS VERBOS JAPONESES

BRASÍLIA

2013

CAMILA REGINA FERRACIOLI PIMENTEL

ASPECTO VERBAL: UMA PROPOSTA DE ESTUDO PARA A COMPREENSÃO DO  
COMPORTAMENTO DOS VERBOS JAPONESES

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito para a obtenção do título de  
Licenciado em Letras do curso de Língua e  
Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tae Suzuki

BRASÍLIA

2013

CAMILA REGINA FERRACIOLI PIMENTEL

ASPECTO VERBAL: UMA PROPOSTA DE ESTUDO PARA A COMPREENSÃO DO  
COMPORTAMENTO DOS VERBOS JAPONESES

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
como requisito para a obtenção do título de  
Licenciado em Letras do curso de Língua e  
Literatura Japonesa da Universidade de Brasília.

Aprovado em 01 de Março de 2013.

BANCA EXAMINADORA

---

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tae Suzuki – Universidade de Brasília – UnB

---

Examinadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Michele Eduarda Brasil de Sá – Universidade de Brasília – UnB

---

Examinadora: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Kaoru Tanaka – Universidade de Brasília – UnB

Dedico este trabalho aos meus avós paternos Julinho e Maria, avós maternos Alécio e Adélia, aos meus pais Jorge e Angelina e ao meu irmão Jorge Augusto por sempre me incentivarem a ser cada vez melhor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Tae Suzuki, por me guiar nos meios acadêmicos, sempre dedicando boa parte de seu tempo a mim e não deixando de me encorajar a dar o meu melhor.

Agradeço a todos os professores do curso de Língua e Literatura Japonesa com quem tive a honra e oportunidade de aprender assuntos cada vez mais interessantes: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Alice Joko, Prof<sup>ª</sup>. Ms. Yuko Takano, Prof. Ms. Fausto Pereira, Prof<sup>ª</sup>. Ms. Kaoru Tanaka, Prof. Dr. Ronan Pereira, Prof<sup>ª</sup>. Ms. Kyoko Sekino, Prof. Ms. Marcus Lira e Prof. Ms. Ernesto Sambuichi. Agradeço a sua dedicação nas aulas do curso, onde aprendi muito mais do que apenas a língua japonesa.

Agradeço a meu pai Jorge Pimentel por sempre me dar apoio nos estudos desde pequena, me oferecendo sábio conhecimento que agora faz parte de quem eu sou. Agradeço a minha mãe Angelina Pimentel por sempre estar presente nos momentos importantes da minha vida, passando-me gentileza e conforto. Agradeço igualmente a meu irmão Jorge Augusto e minha cadela Nina por sempre me oferecerem momentos de relaxamento nas horas tensas. Agradeço a minhas tias Satira e Sandra pela importância na minha formação pessoal.

Por fim, agradeço aos meus amigos que sempre me incentivam e auxiliam no dia-a-dia: Tábata, Aline, Kazue, André Birolli, André Sueda, Alan, Luiz, Filipe, George, Kenji, Rodolfo, Joyce e Carolina. Um agradecimento especial a Jaqueline Fukushi por esclarecer várias dúvidas sobre o projeto de curso.

## RESUMO

Este trabalho procurou aplicar na língua japonesa as teorias desenvolvidas no Ocidente sobre o aspecto verbal para, assim, entender melhor o comportamento de seus verbos. Para tal, buscou-se referência nos trabalhos de Castilho, Comrie, Travaglia e Costa, com recorrência a um artigo de Hashimoto e ao livro *Nihongo dôshi-no asupekuto* organizado por Haruhiko Kindaichi como leitura suplementar. Adotando-se o método qualitativo e indutivo-dedutivo, foi feita uma coleta de dados de dois contos japoneses, *Mikan* e *Sanshôuo*, identificando os verbos que possivelmente manifestavam o aspecto. Para a análise, foi basicamente reformulada e utilizada a proposta de Costa. Optou-se por agrupar e renomear as noções aspectuais semelhantes entre si, encontrando como resultado os aspectos chamados de *imperfectivo inceptivo*, *imperfectivo durativo*, *imperfectivo progressivo*, *imperfectivo terminativo*, *iterativo*, *habitual*, *resultativo*, *concluso* e *perfectivo*. Espera-se que este estudo demonstre a possibilidade de expandir os conhecimentos sobre os verbos japoneses levando em consideração o aspecto.

Palavras-chave: Aspecto; verbo; análise; situação; ação; auxiliar verbal; verbos auxiliares.

## ABSTRACT

This work sought to apply on the Japanese language the theories developed in the West about the verbal aspect to, this way, understand better the behavior of its verbs. To this aim, it was sought reference of the works of Castilho, Comrie, Travaglia and Costa, recurring to Hashimoto's article and the book organized by Haruhiko Kindaichi *Nihongo dôshi-no asupekuto* as supplementary reading. Adopting the qualitative and inductive-deductive method, data was collected from two Japanese short stories, *Mikan* and *Sanshōuo*, identifying the verbs that possibly manifested the aspect. To the analysis, it was basically reformulated and used Costa's proposition. It was opted to group and rename the aspectual notions similar to each other, finding as result the aspects called *imperfective inceptive*, *imperfective durative*, *imperfective progressive*, *imperfective terminative*, *iterative*, *habitual*, *resultative*, *conclusive* and *perfective*. It is expected that this study demonstrate the possibility to expand the knowledge of the Japanese verbs considering the aspect.

Key-words: Aspect; verb; analysis; situation; action; verbal auxiliary; auxiliary verbs.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I – O ASPECTO VERBAL.....</b>	<b>11</b>
1.1 HISTÓRIA.....	11
1.2 CONCEITO.....	12
<b>CAPÍTULO II – NOÇÕES ASPECTUAIS.....</b>	<b>16</b>
2.1 NOÇÕES ASPECTUAIS DE CASTILHO.....	16
2.2 NOÇÕES ASPECTUAIS DE COMRIE.....	19
2.3 NOÇÕES ASPECTUAIS DE TRAVAGLIA.....	23
2.4 NOÇÕES ASPECTUAIS DE COSTA.....	26
2.5 ESTUDO COMPARATIVO DOS TEÓRICOS.....	28
<b>CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>31</b>
3.1 MATERIAL E METODOLOGIA.....	31
3.2 ASPECTO <i>IMPERFECTIVO INCEPTIVO</i> .....	32
3.3 ASPECTO <i>IMPERFECTIVO DURATIVO E IMPERFECTIVO PROGRESSIVO</i> .....	33
3.4 ASPECTO <i>IMPERFECTIVO TERMINATIVO</i> .....	36
3.5 ASPECTO <i>ITERATIVO</i> E ASPECTO <i>HABITUAL</i> .....	37
3.6 ASPECTO <i>RESULTATIVO</i> .....	38
3.7 ASPECTO <i>CONCLUSO</i> E ASPECTO <i>PERFECTIVO</i> .....	40



<b>CONCLUSÃO</b> .....	44
------------------------	----

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	46
---	----

<b>ANEXO</b> .....	48
--------------------	----

## INTRODUÇÃO

Sendo o aspecto verbal um tema relativamente recente até para o português, tornam-se necessários mais estudos nessa área. É importante transpor esses conhecimentos para o japonês, a fim de compreender melhor o uso, o mecanismo e a estrutura intrínseca de seus verbos para desvendar algumas características que são próprias desta língua, tão diferente da língua portuguesa. Deste modo, este trabalho foca-se no estudo do aspecto verbal no japonês.

Por meio de comparação com algumas teorias ocidentais existentes sobre o aspecto, temos como objetivo a aplicação de tais conhecimentos na língua japonesa para entender melhor o sentido de seus verbos e, assim, facilitar no próprio ensino da língua. Mesmo que esse tema já tenha sido estudado no Japão, optamos pelas teorias ocidentais para que seu entendimento seja melhor assimilado pelo público brasileiro. A teoria do aspecto verbal no japonês poderia auxiliar na compreensão do comportamento de seus verbos para além da simples tradução para a língua materna. Esta teoria, quando adicionada a outras, pode proporcionar uma análise mais abrangente de auxiliares verbais, verbos auxiliares, verbos simples e compostos.

Para tanto, referimo-nos aos trabalhos de Castilho (1968), Comrie (1976), Travaglia (1981) e Costa (2002), com leituras suplementares de Hashimoto (2006) e do livro *Nihongo dôshi-no asupekuto* (1976). Os dados para a análise dos verbos foram colhidos de dois contos japoneses: *Mikan*, escrito em 1919 por Ryûnosuke Akutagawa, e *Sanshôuo*, escrito em 1929 por Masuji Ibuse. Ambos os contos foram indicados pela orientadora e por mim acatados por conter vários exemplos de verbos. O conto *Sanshôuo*, em especial, já tinha sido estudado em sala de aula, na disciplina Literatura Japonesa 4 ministrada pela mesma orientadora,

facilitando, deste modo, o entendimento geral do enredo para a coleta dos dados.

Levantamos e analisamos os dados com base nas seguintes perguntas: o que é aspecto verbal e como ele se manifesta no japonês? Quais particularidades existem no aspecto verbal do japonês? Como analisar o significado dos verbos com base no aspecto verbal?

Na procura destas respostas, utilizamos basicamente o método qualitativo e o indutivo-dedutivo. Servimo-nos da bibliografia mencionada acima para dar suporte à análise dos dados coletados, cuja reflexão foi feita visando os objetivos citados anteriormente. Assim, estruturamos o trabalho em três capítulos e uma conclusão. No primeiro capítulo, será apresentada a evolução do estudo do aspecto, mostrando sua história e sua definição de acordo com os estudiosos adotados para este trabalho. No segundo capítulo, veremos as noções aspectuais que cada autor propõe e um estudo comparativo para examinar os pontos convergentes e divergentes entre eles. No terceiro capítulo, será demonstrada como a análise dos dados foi feita, apresentando os aspectos encontrados e o sentido que estes passam. Ao final, há a conclusão do estudo e um anexo com todos os exemplos retirados dos dois contos que serviram para a análise.

## CAPÍTULO I – O ASPECTO VERBAL

### 1.1 HISTÓRIA

O aspecto é, ao lado de tempo, modo, voz, pessoa e número, uma das categorias verbais que, no português, passou a ser objeto de estudo muito recentemente, apesar de já ter sido levantada desde os tempos clássicos.

As primeiras noções aspectuais surgiram com os gregos adeptos do estoicismo que, ao estudar os tempos, criaram categorias, dentre as quais as que consideravam as noções de duração e acabamento. Na época do Império Romano, a categoria também foi levada em consideração pelo intelectual Varrão ao mencionar *tempora infecta* e *tempora perfecta*. (apud Castilho, 1968, p. 20).

Apesar de as primeiras considerações sobre o aspecto terem origem tão antiga, foi apenas no século 19 que estas noções voltaram a ser estudadas. O trabalho pioneiro de Georg Curtius (apud Castilho, 1968, p. 21-22) que analisava o aspecto dos verbos gregos como categoria morfológica conseguiu, assim, chamar a atenção de mais estudiosos. Segundo Castilho, “[...] a descoberta da noção de aspecto e a constatação de sua existência” se deu “primeiramente no eslavo, depois no grego, no indo-europeu, no latim e nas línguas românicas.” (1968, p. 29).

Apesar de o aspecto passar a ser uma categoria mais estudada em várias línguas, passou-se um bom tempo sem trabalhos sérios no português. Trabalhos realizados por estudiosos da língua portuguesa começaram a aparecer somente a partir da década de 50. Alguns nem sequer chegam a utilizar a palavra aspecto, mas já propõem certos sentidos para os verbos que são considerados, atualmente, noções aspectuais. Outros, por outro lado,

produzem trabalhos bem documentados, apesar de estes serem escassos, tais como os de Karl-Heinz Kloppel e Cláudio Brandão. As reflexões de Karl-Heinz Kloppel sobre perífrases, que tiveram como objetivo o estudo do aspecto e do modo, e as de Cláudio Brandão, que apresentam um quadro dos diferentes aspectos verbais e os recursos lingüísticos para sua expressão, foram a alavanca para o desenvolvimento da questão do aspecto (apud Castilho, 1968, p. 27-28).

A partir da década de 70, vemos um aumento considerável no número de trabalhos sobre a categoria. De acordo com o recente trabalho de Travaglia (1981), ainda há estudos que fazem referências indiretas ao aspecto ao analisar perífrases e flexões temporais, nelas apontando sentidos que são claramente aspectuais sem usar a terminologia própria da categoria, como, por exemplo, tratar de ações durativas sem se servir da palavra aspecto *durativo*. Já outros apresentam conceitos e noções aspectuais no português, como aspecto *momentâneo*, *permansivo*, também tendo como base combinações de perífrases e flexões temporais. Estes estudos, em especial, conseguiram chamar a atenção de mais teóricos no estudo da categoria na língua portuguesa.

## 1.2 CONCEITO

Como bem aponta Costa (2002), o aspecto é uma categoria que boa parte dos estudiosos da língua portuguesa não leva em consideração. Ela chega a afirmar que uma pessoa, no Brasil, pode terminar sua formação universitária sem nunca ter ouvido falar de tal assunto. É fato que o aspecto está em estudo, onde, segundo a autora (p. 9), “[...] nada pode ainda ser considerado definitivo”. Outro problema recorrente é a conceituação. Mesmo que existam

vários trabalhos sobre o aspecto, o conceito ainda não se mostra definido. Alguns autores não chegam a definir apropriadamente o seu objeto de estudo, o que pode causar desentendimentos e várias interpretações diferentes.

No presente capítulo, tentaremos fazer uma sistematização dos trabalhos sobre o conceito de aspecto desenvolvidas no Brasil por Castilho (1968), Travaglia (1981) e Costa (2002), servindo-nos de Comrie (1976) como uma referência suplementar para as reflexões, na medida em que ele analisa como o aspecto verbal se manifesta em diferentes línguas. Castilho é um dos mais antigos estudiosos do tema na língua portuguesa que fez um trabalho sério e dedicado apenas à categoria. Ele, ao analisar as noções que compreendem o aspecto, tais como completamento e duração, propõe um quadro aspectual e suas formas de expressão. O estudo de Castilho foi complementado pelo de Travaglia, que objetiva essencialmente o mesmo daquele, mas propõe noções aspectuais novas. Por outro lado, Comrie, um linguista inglês, analisa as noções do aspecto não apenas na língua inglesa, mas também em várias outras, proporcionando um entendimento mais abrangente sobre as formas de expressão do aspecto em geral. Suas colocações são transpostas para o português por Costa, que também analisa os meios de representação do aspecto no português, porém, com o diferencial de simplificar as noções da categoria para facilitar a compreensão.

As categorias de tempo e aspecto podem parecer semelhantes, mas há uma diferença considerável entre ambas. Comrie, Travaglia e Costa partem de uma mesma distinção entre as duas categorias porque, guardadas algumas especificidades, atribuem, no geral, um caráter dêitico para o tempo e não-dêitico para o aspecto. Para Comrie e Travaglia, a categoria de tempo, representada basicamente pelo presente, passado e futuro, posiciona o tempo de uma dada situação em relação ao tempo do enunciado, isto é, dependendo de como o falante narra

no momento, a situação ocorreu no passado, está ocorrendo no presente ou ocorrerá no futuro. Assim, o tempo é dêitico, na medida em que ele se define no contexto pela relação que estabelece entre o tempo do fato narrado e o tempo da enunciação. O aspecto é diferente, pois não se preocupa em relacionar o tempo da situação com outro ponto no tempo, isto é, ele se refere à própria situação. Assim reforça Costa (2002, p. 19), afirmando que o aspecto abrange “[...] as noções de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim”, se referindo ao modo como o tempo é tratado dentro da situação.

Há uma distinção por parte dos autores brasileiros sobre a objetividade da categoria. Para Castilho (p. 14), o aspecto expressa “[...] uma idéia mais concreta e objetiva que a do tempo [...]”, em oposição à noção temporal que é mais subjetiva por depender de um contexto dado. Discordando dele, Travaglia acredita que o aspecto não é necessariamente mais objetivo que o tempo, pois depende de como o falante se refere à situação. Concordando com esta ideia, Costa também diz que o aspecto depende do falante e de como ele escolhe marcá-lo em seu enunciado.

Segundo Castilho, o aspecto, no português, pode ser expresso pelo sentido do verbo, pela flexão temporal, pelos adjuntos adverbiais e pelos tipos oracionais. Ele afirma que “o *aspecto* é a visão objetiva da relação entre o processo e o estado expressos pelo verbo e a idéia de duração ou desenvolvimento. É pois, a representação espacial do processo.” (1968, p.14, grifo do autor). Na mesma linha de raciocínio, Comrie define o aspecto como “[...] ‘diferentes maneiras de observar a constituição temporal interna de uma situação’” (1976, p 3, tradução nossa).

Sendo uma categoria ligada ao tempo, pois marca a duração de uma situação, Travaglia acrescenta que “o aspecto também indica algo sobre o grau de desenvolvimento, de realização

da situação [...]” (1981, p. 43). Retomando os estudos realizados por seus predecessores, Travaglia assim define o aspecto:

**Aspecto** é uma categoria verbal de TEMPO, não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação. (TRAVAGLIA, 1981, p. 44, grifo do autor).

Tendo como base o conceito dos autores citados anteriormente, Costa dá a sua definição de um modo simples, sem modificar a essência. Para ela (p. 29), o aspecto “[...] permite a visualização do processo ou do estado como uma fração de tempo que dura, que ocupa uma parte da linha de tempo.”

Tendo em vista tais afirmações, pode-se concluir que o aspecto é uma categoria verbal ligada ao tempo. Diferente da categoria verbal de tempo, que se refere à situação no tempo, o aspecto descreve o tempo na situação, ou seja, como o tempo em si se configura em uma dada situação, esta sendo o seu foco. Ele marca a duração da situação, isto é, marca noções de desenvolvimento, completamento e realização de uma ação. Entretanto, estas noções dependem da enunciação do falante, de como este se refere à situação; do mesmo modo que a categoria de tempo, a categoria de aspecto depende da maneira como o falante escolhe narrar a situação.



## CAPÍTULO II – NOÇÕES ASPECTUAIS

Neste capítulo, passamos a ver como cada um dos autores citados no capítulo anterior propõe como noções aspectuais.

### 2.1 NOÇÕES ASPECTUAIS DE CASTILHO

Castilho, em vista dos exemplos por ele colhidos, dividiu em quatro os valores fundamentais relacionados ao aspecto, sendo eles duração, completamente, repetição e neutralidade, correspondendo respectivamente aos quatro aspectos principais da língua: *imperfectivo, perfectivo, iterativo e indeterminado*.

Para explicar as diferentes noções que podem parecer idênticas em certos casos, o autor leva em consideração o semantema dos verbos. Para ele, há dois tipos de semantemas: o dos verbos télicos e o dos verbos atélicos. Os télicos indicam uma ação que tende naturalmente para um fim, sem o qual a ação não pode ocorrer, e os atélicos indicam ações que não precisam de um fim necessário para existir. Exemplos básicos de verbos télicos são verbos como *matar, morrer, cair* etc, e verbos atélicos são representados por verbos como *viver, escrever, cantar* etc.

Além do semantema, Castilho também considera importante a flexão temporal, os adjuntos adverbiais, os complementos dos verbos, os tipos oracionais e o contexto, pois estes podem exercer influência na manifestação do aspecto. Em outras palavras, outros elementos presentes na oração podem determinar o aspecto. Podemos exemplificar isto com perífrases que exprimem valor de duração, como *ficar, seguir, continuar* etc, que tendem a manifestar o

aspecto *cursivo propriamente dito*.

Sobre as noções aspectuais, o autor dá definições simples e curtas exemplificadas por várias frases retiradas de textos.

Como foi mencionado anteriormente, o valor de duração corresponde ao aspecto *imperfectivo*. Este aspecto indica a duração pura e simples, que pode ser dividida em três: o aspecto *imperfectivo inceptivo*, o aspecto *cursivo* e o aspecto *imperfectivo terminativo*.

O aspecto *imperfectivo inceptivo* indica os primeiros momentos da ação. Para o autor, há duas modalidades do *inceptivo*: o *inceptivo propriamente dito*, que mostra claramente o começo de uma ação, e o *inceptivo incoativo*, que (p. 67) “[...] representa o começo da ação a que se segue uma mudança de estado.” O *inceptivo incoativo* é bem representado por verbos que indicam fenômenos naturais, tais como *florescer*, *amanhecer* etc, e os que derivam de adjetivos como, por exemplo, *empalidecer*, *amarelecer* etc.

O aspecto *cursivo* é o que o autor chama como *imperfectivo* por excelência, que indica (p. 69) “[...] a duração de que se ignoram os limites.” Ele pode ser dividido em dois tipos: o *cursivo propriamente dito* e o *cursivo progressivo*. O *cursivo propriamente dito* é definido exatamente como o aspecto *cursivo*: indica a duração, o desenvolvimento da ação sem se preocupar com o início e com o fim. O *cursivo progressivo*, por outro lado, se diferencia por implicar no desenvolvimento da ação uma aceleração ou gradação.

O aspecto *imperfectivo terminativo* indica o término de uma ação que teve certa duração.

O aspecto *perfectivo*, que equivale ao valor de completamento, (p. 50) “[...] implica na indicação precisa do começo e do fim do processo, pólos estes separados por um lapso de tempo extremamente curto e não significativo.” Ele indica uma ação que já ocorreu. Pode ser dividido em três: o *perfectivo pontual*, o *perfectivo resultativo* e o *perfectivo cessativo*.

O *perfectivo pontual*, considerado pelo autor como o *perfectivo* por excelência, indica o começo e o fim simultâneos de uma ação, onde a duração é irrelevante por não ser expressiva. Demonstra uma ação que terminou logo depois de ter começado, podendo ser expresso por verbos tais como *partir*, *descobrir* etc.

O *perfectivo resultativo* implica em um resultado ocasionado pelo completamento de uma ação, enquanto que o *perfectivo cessativo* (p. 50) “[...] depreende-se da ação expressa pelo verbo uma noção de negação que se reporta ao presente”, onde se marca a interrupção do processo.

O aspecto relativo ao valor de repetição - o aspecto *iterativo* - é um aspecto intermediário ao *perfectivo* e ao *imperfectivo*. Pode demonstrar repetições de ações durativas ou pontuais, assim existindo o aspecto *iterativo imperfectivo* e o aspecto *iterativo perfectivo*, respectivamente. A repetição pode ser consciente, com intenção, ou automática, na qual há o hábito.

O último aspecto - o aspecto *indeterminado* - é relativo ao valor de neutralidade. O autor o considera “além de avesso à expressão de aspecto, é-o também à do tempo” (1968, p. 50). Ele se refere à ação pura e simples, onde se apresenta apenas a noção que o verbo expressa, sem se preocupar com a duração, o completamento ou a repetição.

Castilho propõe algumas variantes dos aspectos *perfectivo* e *imperfectivo* que poderiam facilitar na diferenciação de casos parecidos. No entanto, as divisões das variantes são um tanto dispensáveis, pois ocorrem em situações tão idênticas quanto ao sentido que se tornam desnecessárias.

## 2.2 NOÇÕES ASPECTUAIS DE COMRIE

As considerações de Comrie sobre o aspecto são ilustradas por exemplos em várias línguas: inglês, russo, línguas eslavas, francês, espanhol e outras como grego e chinês. Comrie estabelece suas definições demonstrando a diferença entre os aspectos, em vez de definir isoladamente um por um.

Primeiro, mostra a diferença entre o aspecto *perfectivo* e o *imperfectivo*. Para ele, o aspecto *perfectivo* analisa a situação por fora, sem necessariamente distinguir a estrutura interna da situação, enquanto que o aspecto *imperfectivo* analisa por dentro, preocupando-se com a estrutura interna. O *perfectivo* mostra uma visão da situação como inteira, como um bloco em que não é necessário dividir as fases da situação. No *imperfectivo*, analisar a estrutura interna da situação é o ponto principal.

O autor ainda menciona definições inadequadas para estes aspectos. O *perfectivo* não deve ser considerado como indicativo de situações de curta duração, assim como o *imperfectivo* não deve ser como as de longa duração. Para ele, também é incorreto dizer que a função básica do *perfectivo* é mostrar ações momentâneas ou pontuais, apesar de haver certa verdade nesta afirmação, segundo o mesmo. Definir o *perfectivo* como indicador de ação acabada também não seria o ideal, pois o termo “acabado” coloca muita ênfase no fim da situação, porquanto o uso do *perfectivo* não coloca ênfase em uma parte da ação, a ação deve ser vista como um todo.

Ainda sobre o *perfectivo*, o autor menciona que as formas *perfectivas* de alguns verbos em muitas línguas podem ser usadas para mostrar um significado ingressivo, de começo da ação. Esses verbos podem se referir a estados ou a início de ação. O que determinaria a

escolha de interpretação, isto é, se é de estado ou ingressivo, seria o contexto e não as condições especiais do *perfectivo*.

Sobre a noção de resultatividade, o autor a define como “semelhante à definição do *perfectivo* em termos de ação completada [...]” (p. 20, tradução nossa), pois indica o completamento de uma ação. Ele afirma que é verdade que certos verbos nas suas formas *perfectivas* podem indicar esse completamento, mas o resultativo é apenas um tipo de *perfectivo* e seu termo acaba colocando ênfase no final da ação, em vez da sua totalidade.

Assim, o autor chega à conclusão de que o *perfectivo* representa a ação pura e simples. No *perfectivo* há uma falta de referência explícita à constituição temporal interna da situação. O aspecto *imperfectivo* funciona ao contrário: há referência explícita à constituição temporal interna da situação.

O aspecto *imperfectivo* pode ser dividido em categorias a depender dos meios que uma língua tem para expressá-lo. O autor demonstra duas possíveis divisões: o *habitual* e o *contínuo*.

O *habitual* difere de *iterativo*, a repetição da ação, por dois motivos: apenas a repetição é insuficiente para tornar uma situação habitual e uma situação pode ser habitual sem haver nenhuma repetição. Ou seja, é possível o hábito ser *iterativo*, mas nem sempre acontece o contrário. O *habitual* descreve “[...] uma situação que é característica de um período de tempo estendido [...]” (p. 27-28, tradução nossa), que vê a situação como característica do período inteiro. O *habitual* pode ser combinado com outros aspectos para expressar mais de um sentido.

O *contínuo* é o *imperfectivo* que não é *habitual*. Ele pode ser dividido em *progressivo* e *não-progressivo*. Comrie define o *progressivo* de forma igual ao *contínuo*: um *imperfectivo*

que não é causado pelo *habitual*. Os dois não são incompatíveis: uma situação pode ser *progressiva* e *habitual* ao mesmo tempo. Porém, um não determina o outro, isto é, uma situação pode ser *progressiva* e não ser *habitual* e vice-versa. O processo, a situação dinâmica em progresso vista de modo *imperfectivo*, como o autor define, é o essencial do *progressivo*. O exemplo básico de *progressivo*, demonstrado em várias línguas pelo autor, indica, como outros autores falariam, a duração da ação sem indicação de início e fim.

O autor discute sobre os termos “*durativo*” e “*pontual*”, termos muito usados por outros estudiosos. Eles seriam usados no mesmo sentido de *perfectivo* e *contínuo*, respectivamente, mas, de acordo com Comrie, eles não são equivalentes. O *durativo*, diferente do *imperfectivo*, apenas indica que a situação durou por um certo tempo. O oposto do *durativo* é o *pontual*, que se refere a uma situação sem duração no tempo, é apenas momentâneo. Situações *pontuais* não duram nem um período de tempo curto, por isso o autor considera o *pontual* como sem estrutura interna, sendo assim incompatível com o *imperfectivo*.

Nas situações *durativas*, os verbos télicos e atélicos adquirem importância, uma vez que verbos télicos expressam ações que tendem a um fim enquanto que nos atélicos não há um fim necessário. Porém, “[...] as situações não são descritas apenas pelos verbos, mas pelo verbo junto com seus argumentos (sujeito e objeto)” (p. 45, tradução nossa). Os verbos télicos e atélicos, quando combinados com o *perfectivo* e *imperfectivo*, permitem que deduções possam ser feitas acerca dos aspectos que se referem a situações télicas ou atélicas. Por exemplo, ao analisar uma situação télica de modo *perfectivo*, podemos encontrar situações que indicam seu ponto de término.

Além do aspecto *imperfectivo* e *perfectivo*, o autor propõe o aspecto *perfect*. O *perfect* refere-se a uma situação passada que ainda tem relevância no presente. Ele não se refere à

situação em si, mas a um estado de uma situação anterior. Isso, como o autor comenta, fez muitos linguistas questionarem se o *perfect* deve ser considerado como aspecto. Há casos particulares de *perfect*, como o *perfect* de resultado, o *perfect* experiencial, o *perfect* de situação persistente e o *perfect* de passado recente.

O *perfect* de resultado expressa que um estado presente é referido como sendo resultado de uma ação passada. O *perfect* experiencial indica que uma situação ocorreu pelo menos uma vez no passado. O *perfect* de situação persistente indica uma situação que começou no passado, mas que continua no presente. Por fim, o *perfect* de passado recente expressa que a situação passada é recente, o que não ocorre necessariamente nos outros tipos.

Comrie ainda fala rapidamente do aspecto *prospectivo*, onde “[...] um estado é relacionado a alguma situação subsequente [...]” (p. 64, tradução nossa). Nem todas as línguas conseguem expressar esse aspecto facilmente.

O autor faz um trabalho muito abrangente sobre o aspecto. Os exemplos em várias línguas proporcionam um entendimento geral sobre a categoria, não ficando preso a apenas sua própria língua. Desse modo, a teoria proposta por Comrie pode auxiliar em estudos de todas as línguas estrangeiras.

As definições de aspectos tornaram-se um tema longo justamente por causa dessa abrangência. Algumas divisões do aspecto *imperfectivo* poderiam ser explicadas mais didaticamente, mas, de qualquer maneira, o autor consegue passar adiante seu conhecimento.

Apenas certos termos usados pelo autor ficaram sem explicação, deixando o leitor pensar por conta própria no que ele queria dizer, como “não-progressivo” e “não-estativo”, que pode-se supor que significa o contrário de *progressivo* e *estativo*, respectivamente.

O aspecto *perfect* parece funcionar melhor na língua inglesa, não havendo muitos

exemplos em outras línguas. No inglês há uma forma para expressar o *perfect*, talvez sendo por isso que o autor incluiu tal aspecto em seu trabalho.

### 2.3 NOÇÕES ASPECTUAIS DE TRAVAGLIA

Antes de começar a falar das noções aspectuais propriamente ditas, Travaglia fala das noções semânticas que não podem ser consideradas como aspecto, apesar de alguns autores assim o fazerem. São casos como (p. 45) “[...] intensivo, potencial, conativo, comitativo, inferencial ou putativo, negativo, diminutivo, reflexivo, pejorativo, obrigatório, desiderativo, benefactivo, aparençial, reservativo [...]”. Outras noções não-aspectuais são a iminência de ação e o passado recente. Além dessas, há casos em que certas noções são ligadas ao aspecto, mas não podem ser consideradas como tal porque, para o autor, (p. 56) “[...] o aparecimento destas noções na frase depende na maioria das vezes do aspecto e muitos as têm confundido com aspectos ou seus subtipos.” Portanto, a habitualidade, incoação, progressividade, resultatividade, permansividade, cessamento e experienciamento não são aspectuais.

O autor distingue as noções aspectuais de *duração* e *pontualidade*, termos que são opostos. A *duração* demonstra o tempo de desenvolvimento da situação, do seu ponto de início ao seu ponto de término. A *pontualidade* indica situações cujo início e término acontecem no mesmo momento ou em um tempo curto.

A *duração* pode ser referida como *limitada*, *ilimitada*, *contínua* e *descontínua*. A *duração limitada* pode indicar o início, o fim ou o valor da duração. Na *duração ilimitada*, como o próprio nome diz, não se conhecem os limites da situação. A *duração contínua* expressa uma situação sem interrupção no seu desenvolvimento, enquanto que a *descontínua* apresenta essa



interrupção, podendo ser *limitada* ou *ilimitada*.

A *duração contínua limitada*, para o autor, expressa o aspecto *durativo*, enquanto a *contínua ilimitada* é caracterizada pelo aspecto *indeterminado*. O aspecto *indeterminado* indica situações atemporais ou onitemporais, tais como verdades eternas e definição de seres ou objetos.

A *duração descontínua* pode ter sentido de iteração, isto é, de repetição, e, também, de hábito. Para o autor, a iteração inconsciente se torna hábito. No português, todo *habitual* é *iterativo*. No entanto, (p. 50) “[...] a habitualidade não é uma noção aspectual, mas sim a iteração de que a habitualidade nasce, pois é a iteração que surge da duração descontínua.” Mais adiante, o autor define o *iterativo* como *duração descontínua limitada* e o *habitual* como *duração descontínua ilimitada*.

Da noção aspectual de *pontualidade* aparece o aspecto *pontual*, caracterizado por apresentar a situação como não tendo duração expressiva.

Após analisar as noções aspectuais que estão ligadas à noção de duração e de pontualidade, o autor demonstra as que estão ligadas às fases da situação. Existem três fases: a de realização, a de desenvolvimento e a de completamento.

As fases de realização são três: a fase em que a situação ainda não começou, a já começada, ou seja, em realização, e a que já terminou. Essas fases são representadas pelos aspectos *não-começado*, *não-acabado* ou *começado*, e *acabado*, respectivamente.

O aspecto *não-começado* indica a situação antes do início de sua realização, como algo por começar. O aspecto *não-acabado*, ou *começado*, apresenta a situação em realização, isto é, depois de seu início e antes de seu término. O aspecto *acabado* indica a situação após seu término.

Quando a situação está em realização, o autor a considera como em desenvolvimento, havendo, assim, as fases de desenvolvimento, que também são três: início, meio e fim, correspondendo respectivamente aos aspectos *inceptivo*, *cursivo* e *terminativo*.

O aspecto *inceptivo* apresenta a situação em seu ponto de início ou em seus primeiros momentos. O *cursivo* a apresenta em desenvolvimento, depois de seus primeiros momentos e antes de seus últimos. O *terminativo* apresenta o momento de término ou os últimos momentos da situação.

O último tipo de fase da situação é o de completamento. São apenas duas fases: da situação completa e da incompleta. Na primeira (p. 55) “a situação é apresentada como completa, isto é, em sua totalidade, como um todo indivisível, com seu começo, meio e fim englobados num todo.” É a característica do aspecto *perfectivo*, onde não há a tentativa de dividir em fases de desenvolvimento. Na segunda (p.86) “[...] não temos o todo da situação e, por isso, normalmente ela é apresentada em uma de suas fases de desenvolvimento.” Essa noção é característica do aspecto *imperfectivo*, onde se vê a situação por dentro e se enfoca em suas partes.

Travaglia fez um trabalho extenso sobre o aspecto na língua portuguesa. Esse fato restringe sua teoria, pois foi feita voltando-se para o português, logo não sendo possível a aplicação de todos os conhecimentos em outras línguas. Porém, suas definições e divisões esclarecem certos assuntos que podem ter ficado obscuras no passado. Seu modo de apresentar a teoria é bastante didático e devidamente separado em tópicos e sub-tópicos.

Para dar suporte ao seu trabalho, Travaglia reuniu mais de mil exemplos, apresentando não só definições e conceitos, mas também possíveis combinações entre eles e com formas de expressão no português.

No entanto, há pontos criticáveis. Quando o autor se refere à noção de duração, ele mostra quatro maneiras pela qual a *duração* pode ser referida (*limitada*, *ilimitada*, *contínua* e *descontínua*). No entanto, mais adiante, ele considera que a *duração* pode ser *contínua* ou *descontínua*, subdividindo-se cada uma em *limitada* e *ilimitada*. Antes eram quatro maneiras diferentes que viraram duas que se dividem em mais duas cada uma. O autor pode ter reclassificado desta forma porque talvez a duração a que ele se refere tem a ver com a continuidade, isto é, se a situação passa por interrupções ou se é ininterrupta. Por sua vez, essa continuidade pode ser medida no eixo do tempo, possuindo limites ou não.

Notamos uma certa contradição do autor quando ele considera e usa o termo “aspecto *habitual*”, mas não considera que a habitualidade, ou o hábito, seja aspecto. Seria apenas uma noção que se liga à noção aspectual de duração, pois, para o autor, não existe hábito sem iteração. Se o hábito não é aspecto, é de se estranhar que o autor o tenha colocado no seu quadro aspectual do português.

## 2.4 NOÇÕES ASPECTUAIS DE COSTA

Costa, para suas definições, teve como base forte o trabalho de Comrie, levando em consideração a constituição temporal interna da situação. A autora distingue logo de início dois aspectos: o *perfectivo* e o *imperfectivo*.

O aspecto *perfectivo* (p. 30) “[...] é visto como global, como um ponto fechado, como um todo, um conjunto, do qual não interessa referir a constituição temporal interna, [...] ou seja, ele não é observado quanto à maneira como a fração de tempo nele contida é distribuída”. A autora reforça as palavras de Comrie, de que “o *perfectivo* refere ‘falta de referência explícita

à constituição temporal interna de uma situação [...]” (p. 31, grifo da autora), não significando que a situação não tenha essa constituição. Como no *perfectivo* não há ênfase em nenhuma parte específica (início, meio ou fim), mas sim no todo, não se mostram necessárias divisões neste aspecto.

O aspecto *imperfectivo*, ao contrário do *perfectivo*, é assim colocado:

Já o *imperfectivo* expressa essa temporalidade interna, ou considerando-a como um fragmento de tempo que se desenrola (expressão da cursividade), ou selecionando fases desse tempo interno (expressão das fases inicial, intermediária ou final), ou expressando, ainda, estados resultativos que dêem relevância lingüística à constituição temporal interna de um processo que os antecedeu. (2002, p. 30, grifo da autora)

Deste modo, o *imperfectivo* pode ser dividido em cinco: *imperfectivo em curso*, *imperfectivo de fase inicial*, *de fase intermediária*, *de fase final* e *imperfectivo resultativo*.

Quando a situação está em curso, podem-se encontrar noções semânticas como de duração, progressividade e continuidade. Já os *imperfectivos de fase inicial* e *de fase final* possuem noções de ingressivo e terminativo.

Certas noções não são consideradas como aspectuais por Costa por não se referirem à, ou não possuírem, constituição temporal interna. São elas: iteração, iminência, habitualidade, obrigatoriedade e desejo.

Grande parte do trabalho de Costa foi fundamentada pelo trabalho de Comrie, já analisado anteriormente no presente trabalho. Assim, há muitas definições parecidas ou iguais, mas o diferencial foi a simplicidade e a forma didática de seu trabalho.

Não há definições excessivas de vários aspectos diferentes; a autora conseguiu reunir o essencial para o conhecimento da categoria. Porém, como é um estudo voltado para o português, talvez não possa ser possível aplicar toda sua teoria em outras línguas.

Além do aspecto verbal, demonstrado por inúmeros exemplos colhidos pela autora, ela

ainda analisa o possível aspecto contido em advérbios, adjetivos e outras formas gramaticais.

## 2.5 ESTUDO COMPARATIVO DOS TEÓRICOS

As propostas apresentadas pelos autores possuem vários pontos convergentes e divergentes, sobre os quais passamos a discorrer.

A noção aspectual que todos os teóricos parecem concordar quanto à definição é o *perfectivo*. Castilho e Travaglia utilizam quase a mesma terminologia ao se referir ao aspecto *perfectivo*: uma noção relativa ao completamento da situação. Porém, para Castilho, este aspecto se refere a situações com curto período de tempo, ao contrário do que os demais autores consideram. Castilho ainda o divide em três variantes, o que também não é proposto pelos outros que não vislumbram subdivisões no *perfectivo*.

O aspecto *imperfectivo* é um pouco mais divergente entre os estudiosos, mas as diferentes definições parecem se completar. Castilho o vê como relacionado à duração, enquanto Travaglia relaciona-o ao completamento e, juntamente com Comrie e Costa, como portador de uma estrutura interna em que se pode focar em suas partes. No entanto, as possíveis divisões do *imperfectivo* são diferentes para cada autor. Para Travaglia não há divisões pois é apenas um aspecto da fase de completamento, podendo uma situação expressar outros aspectos das outras fases. Castilho o divide em *inceptivo*, *cursivo* e *terminativo*. Comrie considera, dentre as possibilidades que cada língua tem para expressá-lo, o *habitual* e o *contínuo*, este podendo ser dividido em *progressivo* e *não-progressivo*. A proposta de Costa se assemelha ao de Castilho ao apresentar o *imperfectivo de fase inicial*, *de intermediária* e *de final*, mas adiciona o *imperfectivo resultativo* e *em curso*, este último equivalente ao aspecto

*durativo* de Travaglia.

Apesar de estas divisões serem diferentes, os teóricos da língua portuguesa concordam que há aspectos que expressam os primeiros e últimos momentos de uma situação, assim como o meio.

Os aspectos *iterativo* e *habitual* apenas não foram objeto de consideração por Costa. Os outros autores, mesmo com a contradição presente no trabalho de Travaglia, concordam com sua existência.

O *resultativo* é um dos aspectos mais divergentes entre os estudiosos. Castilho o considera como *perfectivo*, Costa como *imperfectivo*, Comrie como *perfect*, um aspecto proposto apenas por ele, e Travaglia simplesmente o desconsidera.

Além do aspecto *perfect* que foi objeto de estudo apenas de Comrie, Travaglia também apresenta certos aspectos exclusivos de seu trabalho, como o *não-começado*, *começado* e *acabado*. Estes aspectos podem sempre aparecer junto de outros, o que talvez tenha sido o motivo pelo qual outros autores brasileiros não o mencionaram. Porém, para Costa, o *não-começado* não seria aspecto por se referir a uma situação que ainda não começou a ocorrer, ou seja, não possui constituição temporal interna.

O *pontual*, que apresenta situações sem duração, é considerado como aspecto por Castilho e Travaglia. Para Comrie e Costa, o *pontual* não tem estrutura interna, não podendo, portanto, ser *imperfectivo*, e também não deveria ser confundido com o aspecto *perfectivo*, como Castilho faz.

Em relação à progressividade que Comrie apresenta como aspecto, Travaglia não o considera como tal. No entanto, Castilho o leva em conta como uma variante do aspecto *cursivo* e Costa afirma ser uma noção semântica que, junto com outras como duração e

continuidade, pode estar presente no *imperfectivo* em curso.

Há ainda o aspecto *indeterminado*, levantado apenas por Castilho e Travaglia. Este aspecto seria representado por verdades eternas, afirmações gerais etc. É definido como uma ação pura e simples por Castilho, mas estas palavras, para Comrie, se referem ao aspecto *perfectivo*.

Tendo em mente estas noções, mesmo que haja divergências, veremos no próximo capítulo como eles podem ser aplicados na língua japonesa.

## CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS DADOS

### 3.1 MATERIAL E METODOLOGIA

Escolhidos os contos, foi feita, primeiramente, uma leitura para a compreensão geral da história narrada e, numa segunda leitura, foram identificados os verbos que poderiam manifestar o aspecto. Para tanto, procuramos sempre nos orientar pelas definições, conceituações e classificações dos teóricos estudados.

Nesse sentido, é oportuna a seguinte citação de Costa que resume, de forma bem concisa, o parâmetro que adotamos:

A melhor maneira de analisar os enunciados do português quanto à aplicação ou não da categoria de Aspecto, parece-me, é submeter o material sob exame à pergunta: *o fato expresso está referido no enunciado de modo global, como um bloco inteiro, ou, ao contrário, o fato está referido levando-se em conta que ele tem uma constituição temporal interna, que está no caso sendo marcada?* (2002, p. 37, grifo da autora).

A autora desenvolve sua pesquisa pautada nesta última pergunta que, guardadas as devidas especificidades, pode se aplicar a este nosso estudo. Mesmo que as teorias estudadas anteriormente possuam discrepâncias, elas ainda acabam possuindo muitos pontos convergentes.

Deste modo, para a coleta e análise dos dados, reformulamos a proposta de Costa da seguinte maneira: *A situação expressa pelo exemplo está completa, com início, meio e fim definidos e inseparáveis, está apresentando uma repetição da ação ou está se referindo a partes específicas de uma situação? Se estiver se referindo a partes, à qual exatamente ela se refere: ao seu início, meio, fim ou, ainda, à expressão de um resultado de uma ação?*

Na coleta dos dados, levamos em conta exemplos com verbos auxiliares e também com o



auxiliar verbal た. Entre os verbos auxiliares, encontramos exemplos com -はじめる, -つづける, -だす, -ている, -てしまう, -てある, -てくる e -ていく, além de alguns na forma -たり...たりする. Os demais se concentram no auxiliar verbal た, inclusive quando se acopla aos verbos auxiliares expostos acima.

Pelos dados levantados, reconhecemos os aspectos *imperfectivo inceptivo*, *imperfectivo durativo*, *imperfectivo progressivo*, *imperfectivo terminativo*, *iterativo*, *habitual*, *resultativo*, *concluso* e *perfectivo*, os quais discutiremos a seguir.

### 3.2 ASPECTO IMPERFECTIVO INCEPTIVO

Foi relativamente fácil identificar os verbos auxiliares que mostram claramente o início de uma ação. Observamos que isto tende a ocorrer com os verbos auxiliares -はじめる e -だす. O verbo -はじめる significa “começar, iniciar” e é perfeitamente compreensível que, como verbo auxiliar, indique o começo de uma ação. -だす significa “tirar”, mas, quando adicionado a outro verbo, passa a expressar o começo de uma situação, como podemos ver nos exemplos a seguir:

1) (...) 死んだようにめをつぶって、うつらうつらしはじめた。(蜜柑 122)

“Começou a cochilar com os olhos cerrados como um morto.”

2) (...) と同時に一つずしりと揺れて、おもむろに汽車は動きだした。(蜜柑 120)

“(...) ao mesmo tempo sacudiu pesadamente e o trem lentamente começou a se mover.”

Retomando as definições dos autores estudados, vemos que esta noção de inceptividade é comum entre todos eles, apesar de algumas especificidades. Referimo-nos àquilo que os teóricos denominaram aspecto *imperfectivo inceptivo* (Castilho), *imperfectivo* (Comrie),

*inceptivo* e *imperfectivo* (Travaglia) e *imperfectivo de fase inicial* (Costa). Para todas as situações que se referem à constituição temporal interna e a partes específicas de uma situação, sejam elas de início, meio ou fim, podemos considerar que manifestam o aspecto *imperfectivo*. Este aspecto pode aparecer junto à noção de início ou esta pode ser considerada como um subtipo do *imperfectivo*. Desse modo, para o presente trabalho, devido às grandes semelhanças nas classificações, iremos nos servir do termo aspecto *imperfectivo inceptivo* para nos referirmos ao aspecto dos verbos que expressam início.

Além dos verbos acima explicitados, também nos deparamos com o aspecto *imperfectivo inceptivo* ao analisar o verbo auxiliar –てくる. O verbo くる, “vir”, quando utilizado como verbo auxiliar, acrescenta, geralmente, a noção de progressão ao verbo ao qual é combinado, como veremos no próximo tópico. De qualquer maneira, este verbo auxiliar pode ser *imperfectivo inceptivo*, como já aponta Taketoki Yoshikawa (1971, p. 218). De acordo com ele, –てくる também pode indicar o aparecimento e o começo de um processo, como verificamos nos seguintes exemplos do *corpus* analisado:

3) (...) 暖かな日の色に染まっている蜜柑がおおよそ五つ六つ、汽車を見送った子どもたちの上へばらばらと空から降ってきた。(蜜柑 125)

“(...) aproximadamente cinco ou seis mexericas tingidas da cor quente do sol começaram a cair do céu dispersamente para cima das crianças que foram ver o trem.”

4) 山椒魚はよくない性質を帯びてきたらしかった。(山椒魚 70)

“Pareceu que a salamandra começou a ser tomada por uma natureza ruim.”

### 3.3 ASPECTO IMPERFECTIVO DURATIVO E IMPERFECTIVO PROGRESSIVO

Em nossa análise, pudemos identificar verbos que especificam uma ação em curso, mais

especificamente uma ação contínua no tempo, tais como os verbos auxiliares –つづける e –ている. Nestes casos, as situações estão sendo demonstradas em curso, como se fossem contínuas, não se referindo nem ao início nem ao fim. Novamente retomando as definições e classificações dos teóricos estudados, estes verbos auxiliares poderiam manifestar o aspecto *cursivo* (Castilho), *contínuo progressivo* (Comrie), *durativo*, *começado*, *cursivo*, *imperfectivo* (Travaglia), *imperfectivo em curso* e *imperfectivo de fase intermediária* (Costa). Estes aspectos, fora o *começado*, implicam em uma duração da ação, em uma situação que se desenrola no tempo. O aspecto *durativo*, especificamente, indica uma duração contínua limitada, definição que se aplica às situações que usam os verbos auxiliares –つづける e –ている. Como se refere a partes de uma situação, e não ao todo, pode ser considerado como *imperfectivo*. Poderíamos, assim, utilizar o termo aspecto *imperfectivo durativo* para se referir a esse sentido que os verbos trazem, como observamos nos seguintes exemplos:

5) 岩屋の外では、水面に大小二ひきの水すましが遊んでいた。(山椒魚 69)

“Dois besouros d’água, um pequeno e um grande, estavam brincando na superfície da água do lado de fora da caverna.”

6) そこで二個の生物は、今年の夏いっぱいを次のように口論しつづけたのである。  
(山椒魚 71)

“Então, as duas criaturas continuaram discutindo por todo o verão deste ano da seguinte maneira.”

Devemos ressaltar que o aspecto *imperfectivo durativo* não se refere propriamente à noção de progressão; a duração contínua e a progressão, pelo menos no caso da língua japonesa, podem ser vistos como diferentes entre si. Enquanto a duração contínua mostra a ação em uma linha de tempo contínua, podendo ser interrompida e retomada, como, por exemplo, 読んでいる (“estar lendo”), a progressão, como o próprio nome diz, demonstra a situação em progressão, com um avanço gradual para alguma direção. Castilho chega a levar

em consideração este conceito em seu aspecto *cursivo progressivo*. Podemos observar esta noção nos auxiliares verbais –てくる e –ていく.

Mencionamos anteriormente que –てくる, geralmente, tem esse sentido de progressão. Taketoki Yoshikawa (1971, p. 218), também afirma que este verbo auxiliar pode indicar a continuação de uma situação até um certo ponto no tempo. Ou seja, quando combinado com outros verbos, ele dá o sentido de uma ação, ou situação, que veio ocorrendo de um ponto no passado para um ponto no presente, onde termina. Deste modo, observamos que há ênfase tanto na cursividade do processo quanto no término da ação. Poderíamos denominar isto de aspecto *imperfectivo progressivo*, e que, como também há ênfase no término, pode ser combinado com o que chamaremos de aspecto *imperfectivo terminativo*, este a ser discutido mais adiante.

Ademais, o verbo auxiliar –ていく também pode expressar o aspecto *imperfectivo progressivo*. Apenas いく significa “ir”, mas, quando acoplado a outros verbos também passa a ideia de progressão, assim como –てくる. Ainda de acordo com Taketoki Yoshikawa (p. 218), –ていく poderia indicar o desaparecimento de um processo. Este sentido pode dar ênfase no término e na cursividade da ação simultaneamente, também manifestando uma combinação do aspecto *imperfectivo progressivo* com o *imperfectivo terminativo*. Podemos exemplificá-lo com o seguinte exemplo:

7) (...)その円周を次第に小さくしていった。(山椒魚 66)

“(...) foi diminuindo a circunferência gradualmente.”

Esta ação está rumando para um fim, ponto este reforçado pelo auxiliar verbal た. 次第に (“gradualmente”) dá a ideia de gradação, que pode complementar a expressão da progressão. Esta situação também mostra que há o sentido de uma ação que começou no

presente, ou no passado, e que continuou ocorrendo no futuro, onde, neste caso, termina.

Neste tópico identificamos três possíveis aspectos: o *imperfectivo durativo*, o *imperfectivo progressivo* e o *imperfectivo terminativo*. A seguir, discutiremos melhor o *imperfectivo terminativo*.

### 3.4 ASPECTO IMPERFECTIVO TERMINATIVO

O aspecto *imperfectivo terminativo* dá ênfase no término da ação. Chegamos a esta denominação pelas definições dos aspectos *imperfectivo terminativo* (Castilho), *terminativo*, *imperfectivo* (Travaglia) e *imperfectivo de fase final* (Costa), onde todos expressam o fim de uma situação. Além de ser possível encontrar esta noção nos verbos auxiliares *-てくる* e *-ていく*, como já mencionado anteriormente, nos deparamos com este aspecto também no verbo auxiliar *-てしまう*.

Segundo Tarou Takahashi (1969, p. 131), verbos combinados com este verbo auxiliar expressam, em relação ao aspecto, o fim de uma ação. Reforçando esta teoria, Haruhiko Kindaichi (1954, p. 47-50), afirma que *-てしまう* demonstra o completamento de uma situação, porém, quando utilizado com o auxiliar verbal *た*, ele indica o término de uma ação. Coletamos exemplos desta combinação *-てしまった*, onde observamos claramente a ênfase na parte final da situação:

8) (...)ついに苔がはえてしまったと信じた。(山椒魚 64)

“Por fim, acreditou que o musgo tivesse se criado.”

9) 最後に、きわめて小さな円周をえがいたが、その円周の中心点において、花卉自体は水のなかに吸いこまれてしまった。(山椒魚 66)

“Por fim, após desenhada a pequena circunferência, a pétala acabou sendo puxada para dentro da água no centro dela.”

Como podemos ver nos exemplos, o *-てしまう* adiciona a noção de que a ação estava em seu ponto de término e *た* mostra que as situações são tidas como completadas, que já ocorreram. Esta função do *た*, de demonstrar o completamento de uma ação, visível nos dois exemplos acima, nos fez levar em consideração o aspecto *acabado* de Travaglia, que expressa uma ação conclusa. No momento, vamos nos ater apenas ao aspecto *imperfectivo terminativo* e discutir melhor as ações conclusas no último tópico deste capítulo.

### 3.5 ASPECTO ITERATIVO E ASPECTO HABITUAL

Vimos que três dos quatro teóricos consideram a repetição de uma ação como aspecto. Observamos que podem existir verbos que expressam essa repetição pela forma *-たり...たりする* que, no japonês, é uma forma utilizada justamente para expressar essa noção de ações que se repetem no tempo. Retomando Castilho, verbos nesta forma manifestariam ou o aspecto *iterativo imperfectivo* ou *iterativo perfectivo*, a depender do caso. Esta distinção não se mostra aplicável no caso da língua japonesa pois as ações repetidas não podem ser definidas somente como pontuais ou somente durativas. As ações que se repetem em um período de tempo possuem o aspecto *iterativo* tanto para Comrie quanto para Travaglia, levando-nos a denominá-lo igualmente de aspecto *iterativo*. Não consideraremos como *imperfectivo* por não se referir exatamente a partes da situação, mas sim a várias situações que ocorrem em um período.

É importante frisar que ações repetidas podem ser consideradas como habituais,

manifestando, assim, o aspecto *habitual* de Comrie e Travaglia. Porém, nem sempre a iteração equivale ao hábito. Vejamos os seguintes exemplos:

10) かびは何とおろかな習性を持っていたことであろう。つねに消えたりはえたりして、(...) (山椒魚 65)

“Mas que hábito mais estúpido tem o bolor! Sempre some e aparece (...).”

Este é um exemplo de aspecto *habitual* dado que os verbos exprimem ações repetidas e que perduram em um período estendido do tempo, configurando o hábito do musgo que se criava e desaparecia constantemente.

11) (...)いきなりコロップの栓となったりぬけたりした光景に、ひどく失笑してしまった。(山椒魚 68)

“(...) com a visão repentina de uma rolha que ora tampa, ora destampa, deixou escapar uma risada.”

Já neste caso, descreve a ação momentânea da salamandra que, em sua tentativa de escapar da gruta em que se via confinada, se arremessa contra a abertura que se tornara menor do que sua cabeça tornando-a uma espécie de “rolha a tampar e a destampar” a entrada da gruta.

A forma -たり...たりする por si só já demonstra uma iteração, assim não necessitando de complementos para expressar o aspecto e também não sendo compatível com os outros aspectos.

### 3.6 ASPECTO RESULTATIVO

Além dos aspectos vistos anteriormente, também encontramos a noção de resultatividade,

que é considerado como aspecto pelos teóricos estudados, com exceção de Travaglia. Observamos isto nos verbos auxiliares *-ている* e *-である*. O *-ている*, neste caso, se liga a verbos de ação instantânea que, quando combinados, exprimem um estado. Este estado pode ser considerado o resultado de uma ação que foi completada, como podemos ver no seguinte exemplo:

- 12) 私はようやくほっとした心もちになって、巻きたばこに火をつけながら、はじめてものういまぶたをあげて、前の席に腰をおろしていた小娘の顔を一瞥した。  
(蜜柑 121)

“Eu finalmente me senti aliviado e, enquanto acendia o cigarro enrolado, ao levantar as pálpebras cansadas pela primeira vez, olhei para o rosto da jovem garota que estava sentada no assento da frente.”

Neste exemplo, a ação de sentar é instantânea, não há toda uma cursividade expressa por este verbo em específico. Sendo instantânea, esta ação, quando completada, cria um estado que se expressa pelo *-ている*. Este estado pode ser considerado como o resultado da respectiva ação, expressando os aspectos referentes à noção de resultatividade, que são: *perfectivo resultativo* (Castilho), *perfect de resultado* (Comrie) e *imperfectivo resultativo* (Costa). Assim como Comrie, não iremos considerar no presente trabalho que a noção de resultatividade pertença ao *imperfectivo* por ela não se referir a partes específicas de uma situação, mas sim no que resultou da situação completada. Assim, denominaremos aspecto *resultativo* os verbos que expressam este sentido.

A expressão de resultatividade pode ser melhor vista no *-である*, um verbo auxiliar que, quando ligado a outros verbos, exprime o resultado de uma ação. Podemos ver isto no exemplo abaixo:



13) にもかかわらずこの小娘は、わざわざしめてある窓の戸をおろそうとする(...)

(蜜柑 122)

“Apesar disso, a garota tenta abrir a janela que estava fechada (...).”

Este verbo auxiliar explicita a condição, as circunstâncias em que algo se encontra depois de alguma ação. Neste exemplo, a ação de fechar a janela se concluiu, deixando como resultado uma janela fechada.

### 3.7 ASPECTO *CONCLUSO* E ASPECTO *PERFECTIVO*

Passamos ao último tópico em que vamos discutir os aspectos *concluso* e *perfectivo*. Deparamo-nos com muitos verbos simples e compostos que utilizam o auxiliar verbal た. Como a quantidade de verbos encontrados para análise é maior em relação aos outros casos, é importante verificar se podemos neles identificar o aspecto ou aspectos específicos que permitam colocá-los em uma mesma classificação.

Existem verbos com este auxiliar verbal que nos parecem exprimir uma noção tanto temporal quanto aspectual. Vemos isto em alguns verbos já transcritos anteriormente, como nos exemplos 1, 3, 5, 8 e 12. Vejamos novamente os exemplos 8 e 12, onde esta ideia fica mais clara:

8) (...)ついに苔がはえてしまったと信じた。(山椒魚 64)

“Por fim, acreditou que o musgo tivesse se criado.”

12) 私はようやくほっとした心もちになって、巻きたばこに火をつけながら、はじめのものういまぶたをあげて、前の席に腰をおろしていた小娘の顔を一瞥し

た。(蜜柑 121)

“Eu finalmente me senti aliviado e, enquanto acendia o cigarro enrolado, ao levantar as pálpebras cansadas pela primeira vez, olhei para o rosto da jovem garota que estava sentada no assento da frente.”

Os verbos foram traduzidos na forma de passado, expressando a categoria verbal de tempo, mas, ao mesmo tempo, também expressam a categoria de aspecto por ter a noção de ação conclusa, o que fica mais evidente no exemplo 8. Nestas orações, a situação é dada como concluída, completada, que já ocorreu. Esta noção é levada em consideração por Travaglia, nomeando-a como aspecto *acabado*. Este aspecto nos parece ser aplicável mesmo em casos que há ênfase a partes específicas da situação. Portanto, podemos ver este aspecto junto ao *imperfectivo inceptivo*, *imperfectivo durativo*, *imperfectivo progressivo*, *imperfectivo terminativo*, *iterativo*, *habitual* e *resultativo* quando o verbo utiliza o auxiliar verbal た. Como é clara a noção de ação conclusa, denominá-lo-emos de aspecto *concluso*. Vejamos os seguintes exemplos:

- 14) とうに電燈のついた客車の中には珍しく私のほかにひとりも乗客はいなかった。(蜜柑 120)

“Dentro do trem que estava com as luzes acesas há muito tempo, curiosamente não havia outros passageiros além de mim.”

Neste caso, vemos tanto o aspecto *resultativo* quanto o *concluso* porque a ação de ligar a luz se conclui, deixando como resultado a luz acesa.

- 15) (...) あたかも一つの決心がついたかのごとくつぶやいた。(山椒魚 64)

“(...) murmurou como se tivesse tomado uma decisão.”

Neste exemplo, identificamos o aspecto *concluso*. No entanto, linguisticamente, não consideramos este caso como na forma passada, mesmo que utilize o た, pois esta ação é

apenas uma condição que só será concretizada se a ação expressa pelo verbo principal for realizada.

16) それはふたたび徒労に終わった。(山椒魚 68)

“Isso novamente acabou em um esforço em vão.”

Aqui há o aspecto *imperfectivo terminativo* e o *concluso*, porque o verbo 終わる, “acabar”, coloca ênfase no fim da situação e a mesma já se concluiu.

17) そうして彼らははげしい口論をはじめたのである。(山椒魚 71)

“Então, eles começaram a discutir intensamente.”

E aqui, o *imperfectivo inceptivo* e *concluso*, porque o verbo はじめる, “começar”, coloca ênfase no início da situação que, por sua vez, já se finalizou.

Além deste aspecto, há verbos que não dão ênfase em nenhuma das partes específicas da situação, mas que exprimem mais do que apenas o aspecto *concluso*. Eles apresentam a situação tanto completada como completa, isto é, possuem início, meio e fim definidos, como se fossem blocos inteiros, sem tentativa de dividi-la em fases ou momentos. Isto significa que eles manifestam o aspecto *perfectivo*, termo utilizado de modo igual por todos os autores estudados.

Em seu artigo, que mostra um estudo diacrônico do auxiliar verbal た para verificar qual o sentido que ele passou a ter com o passar dos anos, Shirlei Hashimoto parece chegar à mesma conclusão. Segundo a autora, た passou a ter “[...] um novo significado: a ênfase no aspecto *perfectivo* e, conseqüentemente, no tempo passado” (2006, p. 107, grifo nosso), como observamos nos exemplos a seguir:

18) が、やがて発車の笛がなった。(蜜柑 120)

“Mas logo soou o apito da partida.”

19) (...) 小娘のあけようとしたガラス戸は、とうとうぱたりと下へ落ちた。(蜜柑  
124)

“A porta de vidro que a garota tentava abrir finalmente caiu com um baque.”

Para nós, estes exemplos expressam tanto o aspecto *concluso* quanto o aspecto *perfectivo* por apresentar a ação completada, isto é, que já acabou, e completa, isto é, como um bloco inteiro onde não há referência a partes específicas da situação.

Após a coleta e análise dos dados, verificamos que algumas das reflexões dos teóricos estudados são, em tese, aplicáveis na língua japonesa. Desta forma, encontramos situações que são apresentadas como completas, que se referem a partes específicas início e fim, e que expressam resultado. Além disto, também encontramos as que exprimem repetição de ação, duração contínua, progressão e completamento.

## CONCLUSÃO

Vimos que o aspecto é uma categoria verbal que começou a ter estudos sérios relativamente recente, apesar de o tema já ter sido levantado em tempos mais antigos. O conceito de aspecto foi debatido por muitos teóricos, mas, neste trabalho, nos atemos aos trabalhos de Castilho, Comrie, Travaglia e Costa para apreender melhor sua definição. Concluímos que o aspecto, uma categoria diferente da de tempo, descreve o tempo na situação narrada, tendo esta como seu foco, marcando noções de desenvolvimento, realização e completamento da ação.

Observamos que as propostas dos quatro autores possuem vários pontos convergentes e divergentes quanto às noções aspectuais. O maior ponto em comum seria a definição do aspecto *perfectivo*. O *imperfectivo*, ao contrário, é descrito de formas diferentes, mas podemos perceber que é visto de forma semelhante. Identificamos que todos os teóricos da língua portuguesa levam em consideração aspectos que expressam o início, meio e fim de uma situação. As maiores divergências são a respeito das noções que alguns consideram como aspecto e outros não, como o *pontual*, *iterativo*, *habitual*, *resultativo* e *indeterminado*. Também há noções que apenas um apresenta, como o *não-começado*, *começado*, *acabado*, *progressivo* e *perfect*. Encontramos exemplos de todos estes aspectos, com exceção do *pontual*, *não-começado* e do *indeterminado*, logo verificando a possibilidade de expressão no japonês mesmo que alguns teóricos não considerem como aspecto.

Para analisar os dados, reformulamos a proposta de Costa em uma pergunta que nos serviu de guia. Conseguimos identificar vários dos aspectos dos teóricos e decidimos agrupá-los e renomeá-los por expressarem a mesma noção, constatando a presença dos

seguintes aspectos: *imperfectivo inceptivo* nos verbos auxiliares *–はじめる*, *–だす* e *–てくる*; *imperfectivo durativo* nos verbos auxiliares *–つづける* e *–ている*; *imperfectivo progressivo* nos verbos auxiliares *–てくる* e *–ていく*; *imperfectivo terminativo* nos verbos auxiliares *–てくる*, *–ていく* e *–てしまふ*; *iterativo e habitual* na forma *–たり...たりする*; *resultativo* nos verbos auxiliares *–ている* e *–である*; *concluso e perfectivo*, a depender da situação, no auxiliar verbal *た*.

Destarte, no presente estudo, definimos o aspecto, vimos como ele se manifesta na língua japonesa, constatamos a possibilidade de analisar o significado dos verbos baseando-se em uma pergunta fundamentada na teoria do aspecto verbal e observamos as particularidades do aspecto que ocorrem nos verbos auxiliares *–てくる* e *–ていく*. Estes verbos expressam uma progressão que rumam para um ponto no tempo, que pode ser no presente ou no futuro, uma definição não encontrada nos trabalhos dos teóricos, sendo necessária uma revisão das considerações acerca do aspecto. Assim, para estes verbos auxiliares, há uma combinação dos aspectos *imperfectivo progressivo* e *imperfectivo terminativo*. Além disso, *–てくる* também pode expressar o início de uma ação, verificando, então, que este verbo auxiliar pode manifestar três tipos de aspectos diferentes, cujas particularidades, no que diz respeito ao tipo de verbo, merecem um estudo complementar.

Esperamos que este estudo ajude estudantes brasileiros de japonês a entender melhor o comportamento dos verbos desta língua a partir de uma consideração dos elementos aspectuais neles contidos ou por eles expressos e que possibilitem a expansão dos conhecimentos já adquiridos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTILHO, Ataliba T. de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Coleção de teses, 1968.

COMRIE, Bernard. *Aspect*. London, NY, Melbourne: Cambridge University Press. 1976.

COSTA, Sônia Bastos Borba. *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto, 2002.

HASHIMOTO, Shirlei Lica Ichisato. “Evolução do auxiliar verbal tempo-aspectual TA – da língua clássica à moderna”. *Estudos Japoneses*, n.26, p. 97-110, 2006.

KINAMI, Noriko. *Nihongo Kyôiku Nôryoku Kentei Shiken-no Mondai Bunseki Part 4*.

Disponível em: <<http://aquaries-school.com/wm/3inter-cultural/inter-cultural6-3.htm>>.

Acesso em: 22 jan. 2013.

KINDAICHI, Haruhiko. “*Nihongo dôshi-no tensu to asupekuto*”. In: KINDAICHI, Haruhiko (org.). *Nihongo dôshi-no asupekuto*. Tokyo, Mugishobô, 1978, 2ª ed: p. 27-61.

TAKAHASHI, Tarou. “*Sugata to mokuromi*”. In: KINDAICHI, Haruhiko (org.). *Nihongo dôshi-no asupekuto*. Tokyo, Mugishobô, 1978, 2ª ed: p. 117-153.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal do português; a categoria e sua expressão*. 3 ed. Uberlândia, Ed. Universidade Federal de Uberlândia, 1994.

YOSHIKAWA, Taketoki. “*Gendai Nihongo dôshi-no asupekuto-no kenkyû*”. *Nihongo dôshi-no asupekuto*. Tokyo, Mugishobô, 1978, 2<sup>a</sup> ed: p. 155-327

#### **OBRAS CONSULTADAS PARA COMPOR O *CORPUS***

AKUTAGAWA, Ryunosuke. “*Mikan*”. In. *Kumo-no Ito*. Junia-ban Nihon-no bungaku 8. Tokyo, Shûeisha, 1972: p. 120-126.

IBUSE, Masuji. “*Sanshōuo*”. In. *Sanshōuo*. Junia-ban Nihon-no bungaku 48. Tokyo, Shûeisha, 1978: p. 64-72.



## ANEXO A – Dados colhidos dos contos

- 1) (...) 死んだようにめをつぶって、うつらうつらしはじめた。(蜜柑 122)
- 2) かれんな花はかれんは実を結び、それは隠花植物の種子散布の法則どうり、まもなく花粉を散らしはじめた。(山椒魚 65)
- 3) ところがそれよりもさきにけたたましいひよりげたの音が、改札口のほうから聞こえだしたと思うと(...) (蜜柑 120)
- 4) (...) と同時に一つずしりと揺れて、おもむろに汽車は動きだした。(蜜柑 120)
- 5) そうしてその四角な穴の中から、すすを溶かしたようなどす黒い空気が、にわかに息苦しい煙になって、もうもうと車内へみなぎりだした。(蜜柑 124)
- 6) 十三、四の小娘がひとり、あわただしく中へはいってきた(...) (蜜柑 120)
- 7) (...) 刷りの悪い何欄かの活字が意外なくらいあざやかに私の目の前へ浮かんできた。(蜜柑 121)
- 8) ときどきはなをすすりこむ音が、小さな息の切れる声といっしょに、せわしく耳へはいってくる。(蜜柑 122)
- 9) (...) 暖かな日の色に染まっている蜜柑がおよそ五つ六つ、汽車を見送った子どもたちの上へばらばらと空から降ってきた。(蜜柑 125)
- 10) 山椒魚はよくない性質を帯びてきたらしかった。(山椒魚 70)
- 11) 谷川というものは、めちやくちな急流となって流れ去ったり、意外なところで大きなよどみをつくっているものらしい。(山椒魚 65)
- 12) よどみの水面はたえず緩慢な渦をえがいていた。(山椒魚 66)
- 13) 岩屋の外では、水面に大小二ひきの水すましが遊んでいた。(山椒魚 69)

14) (...) ただ、おりに入れられた小犬が一匹、ときどき悲しそうに、ほえたてていた。

(蜜柑 120)

15) (...) 私はトンネルへはいった一瞬間、汽車の走っている方向が逆になったような錯覚を感じながら、それらの索漠とした記事から記事へほとんど機械的に目を通した。

(蜜柑 121)

16) (...) まるでそれが永久に成功しないことでも祈るような冷酷な目でながめていた。(蜜柑 124)

17) (...) ある貧しい町はずれの踏切りに通りかかっていた。(蜜柑 124)

18) そこで二個の生物は、今年の夏いっぱいを次のように口論しつづけたのである。

(山椒魚 71)

19) (...)その円周を次第に小さくしていった。(山椒魚 66)

20) (...)ついに苔がはえてしまったと信じた。(山椒魚 64)

21) (...)彼らを嘲笑してしまった。(山椒魚 66)

22) 最後に、きわめて小さな円周をえがいたが、その円周の中心点において、花卉自体は水のなかに吸いこまれてしまった。(山椒魚 66)

23) (...)そこにきびしくコロップの栓をつめる結果に終わってしまった。(山椒魚 68)

24) (...)いきなりコロップの栓となったりぬけたりした光景に、ひどく失笑してしま  
った。(山椒魚 68)

25) (...)不注意にも深い嘆息をもらしてしまった。(山椒魚 72)

26) かびは何とおろかな習性を持っていたことであろう。つねに消えたりはえたりし  
て、(...) (山椒魚 65)

27) そして彼らの一群は右によろめいたり左によろめいたりして、彼らのうちのある一匹が誤って左によろめくと、他の多くのものは他のものにおくれまいとして一せ

いに左によろめいた。(山椒魚 65-66)

28) (...)いきなりコロップの栓となったりぬけたりした光景に、ひどく失笑してしまった。(山椒魚 68)

29) 私は横須賀発上り二等客車のすみに腰をおろして、ぼんやり発車の笛を待っていた。(蜜柑 120)

30) 私はようやくほっとした心もちになって、巻きたばこに火をつけながら、はじめものういまぶたをあげて、前の席に腰をおろしていた小娘の顔を一瞥した。(蜜柑 121)

31) そのまた包みを抱いた霜焼けの手の中には、三等の赤切符がだいじそうにしっかりと握られていた。(蜜柑 121)

32) (...) しかりと三等切符を握っている。(蜜柑 125-126)

33) (...)一本ずつの細い茎でもって水底から水面まで一直線にのびていた。(山椒魚 65)

34) にもかかわらずこの小娘は、わざわざしめてある窓の戸をおろそうとする(...) (蜜柑 122)

35) とうに電燈のついた客車の中には(...) (蜜柑 120)

36) が、やがて発車の笛がなった。(蜜柑 120)

37) (...)私はトンネルへはいった一瞬間、(...) (蜜柑 121)

38) (...) それらの索漠とした記事から記事へほとんど機械的に目を通した。(蜜柑 121)

39) それから幾分か過ぎた後であった。(蜜柑 122)

40) (...) 小娘のあけようとしたガラス戸は、とうとうぱたりと下へ落ちた。(蜜柑 124)

41) 私は思わず息をのんだ。(蜜柑 125)

- 42) そうして刹那にいっさいを了解した。(蜜柑 125)
- 43) (...) すべては汽車の窓の外に、またたく暇もなく通り過ぎた。(蜜柑 125)
- 44) 私は昂然と頭をあげて、まるで別人を見るようにあの小娘を注視した。(蜜柑 125)
- 45) 彼は深い嘆息をもらしたが、(...) (山椒魚 64)
- 46) (...) あたかも一つの決心がついたかのごとく つぶやいた。(山椒魚 64)
- 47) (...) かれんな花をさかせた。(山椒魚 65)
- 48) あまつさえ岩や天井のくぼみには、一群ずつのかびさえもはえた。(山椒魚 65)
- 49) (...) 彼らのうちのある一ぴきが誤って左によろめくと、他の多くのものは他のものにおくれまいとして一せいに左によろめいた。(山椒魚 65-66)
- 50) そして速力ははやめた。(山椒魚 66)
- 51) 最後に、きわめて小さな円周をえがいたが、その円周の中心点において、花卉自体は水のなかに吸いこまれてしまった。(山椒魚 66)
- 52) 山椒魚は今にも目がくらみそうだとつぶやいた。(山椒魚 66)
- 53) ある夜、一ぴきに小えびが岩屋のなかへまぎれこんだ。(山椒魚 66)
- 54) (...) 岸壁にすがりついた。(山椒魚 66)
- 55) 彼は全身の力をこめて岩屋の出口に突進した。(山椒魚 68)
- 56) それはふたたび徒労に終わった。(山椒魚 68)
- 57) 彼の目から涙がながれた。(山椒魚 68)
- 58) 山椒魚はどなった。(山椒魚 71)
- 59) そうして彼らははげしい口論をはじめたのである。(山椒魚 71)
- 60) 一年の月日が過ぎた。(山椒魚 71)
- 61) 初夏の水や温度は、岩屋の囚人たちをして鉱物から生物によみがえらせた。(山椒魚 71)

62) 二個の鉋物は、ふたたび二個の生物に変化した。(山椒魚 72)

相手はきわめて遠慮がちに答えた。(山椒魚 72)